

## O COMBOIO EM PORTUGAL

---

Departamento de Informática  
Universidade do Minho  
Campus de Gualtar  
4710-057 BRAGA  
Telefone: 253.604457  
Fax: 253.604471

---

<http://ocomboio.net>

009 EXPOSIÇÃO MULTIMÉDIA 'O COMBOIO EM PORTUGAL' EM CHAVES, 2006



© Dario Silva, 2006.

PREFÁCIO.  
JOÃO GONÇALVES MARTINS BATISTA,  
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CHAVES.

"O CAVALO DE FERRO".  
CRÓNICA DE NORBERTO DO VALE CARDOSO.



Edifício principal da antiga estação ferroviária de Chaves.  
© Dario Silva, 2006.

## PREFÁCIO

O facto apresenta-se, à partida, com alguma originalidade: uma exposição cujo tema é “O Comboio em Portugal”, numa antiga Estação de Caminhos de Ferro, onde o comboio não chega há quase duas décadas.

Mas não é principalmente por essa razão que este evento tem acolhimento especial. Chaves orgulha-se da sua História e das suas vivências. E o comboio faz parte do imaginário de muitos flavienses. Para os mais novos é uma excelente oportunidade de contacto com a realidade memorizada nesta exposição.

Enriquecer e avivar a memória é uma forma eficaz de reforçar a nossa identidade.

**JOÃO GONÇALVES MARTINS BATISTA,  
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE CHAVES.**

## O cavalo de ferro

O cavalo de ferro galgava os montes, cavalgava as linhas das serras, estação a estação. O cavalo cavalgava no seu coração grande sem se cansar, suspirava, ganhava fôlego, apeadeiro a apeadeiro, num ruído ensurdecido, maquinal, pum-pum/ pum- pum, até entrar na estação da minha terra.

Lembro-me de quando ainda era garoto e o meu avô me contava de como fizera a linha do comboio da sua terra até Chaves, passando na Régua. Esse curso, contado oralmente nas cadeiras de verga de verão, ficou-me no ouvido como um som, perdura na memória com um ruído de vida (assim espécie o coração pequenino que o médico escuta no estetoscópio para ver se estamos vivos), quase como uma pauta vem com Schumann dentro. E acho que foi assim que comecei a rondar a estação, primeiro rondando, quase com medo da locomotiva, negra, rubra, cega, curva, quase o dorso de um cavalo, negro, brilhante, selvagem, depois ficando. Sentava-me junto à estação (às vezes bem perto da linha que me parecia uma fita métrica com que poderia vir a medir as sílabas das palavras - sentia já dentro de mim) para o ver chegar, com

curvas bem delineadas, uivando em asobios cujos ecos se desfaziam até um suspiro final de cavalo resfolegante, sedento de água que o abasteça para nova cavalgada.

Nos verões daquele tempo, chupava fás a olhar os kentuckies mortos pelo chão, atirados sem nexo para a l-i-n-h-a. (Acho que começamos a gostar das coisas quando lhes prestamos atenção.) Parado, observava-o melhor, na fornalha o coração do cavalo de ferro rubrava labaredas de força. Aquele era o seu coração, só podia ser, só podia ter um coração assim, GRANDE, quente, necessitado de entradas e saídas de lenha, para poder respirar, inspirar, balançar, na sua forma de linhas curvas e dorso de pele negra, nas curvas sobre curvas das serras.

De um tempo que não quero lembrar, mas de ouvir contar, a estação presenciara a partida dos seus filhos para a guerra. As pessoas acenavam, sobretudo as avós vestidas de negro, as mães vestidas de lenços nas cabeças (para tapar o sol) e as irmãs vestidas de branco, acenavam do cimo do passadiço por debaixo do qual o cavalo se despedia da terra. Esse era o tempo em que os revisores não eram apenas os que furavam bilhetes duros

de furar, mas também furavam as vidas fáceis dos meninos da terra. Um tempo que, não sendo o meu, ficou também na minha memória do meu comboio, já não o comboio da minha terra, mas o meu comboio cheio de lugares vazios para eu me sentar e viajar pelas casas dos terrores que nos Santos se assentavam em frente à estação abandonada a seus despojos e linhas já tão por escrever.

Houve a viagem escolar, curta, até às árvores de Vidago, o suficiente para sentir na face a fuligem, deitar a cabeça de fora, sentir o vento, ser o vento, cavalgando no dorso do cavalo, o vento em mim. Dessa viagem de bata castanha ficou o meu bilhete, duro, grosso, furado, do tamanho de um selo, que conservo numa caixinha com recortes de jornal amarelados pelo desgaste do tempo, onde o cavalo era ainda um dorso brilhante sem travões que o interrompessem junto ao rio. Às vezes pego no bilhetezinho, olho pelo buraco, e, sei lá, quase que tenho esperança de, através dele, ver a minha vida, como um filme ou uma máquina do tempo que possa corrigir as linhas soltas dentro das minhas artérias de menino de ferro. Eu não sabia, mas já então me tinha sentido uma espécie de Jacinto abrindo o livro das serras, num tempo





A estação de Chaves em Agosto de 1979.  
© João Marques.

em que os verões demoravam uma eternidade a passar, demorava tanto que a vida se podia preencher de tantas coisas. (Hoje só as viagens nos comboios históricos pelo Douro até ao Tua podem fazer o tempo ser assim outra vez, por um pouco, pelo menos.)

O risco era uma das diversões dos garotos de então. Iam pela linha e ficavam à espera, encostados à pedra do túnel antes da estação, que o comboio passasse e tivessem de se encostar o mais possível à pedra dura e fria, sentindo apenas o uivar e o resfolegar do cavalo, o seu coração grande, ainda sem operações que o enfraquecessem. Era uma das experiências mais intensas, e talvez a vida seja qualquer coisa assim, a passar por nós,

incitando-nos ao risco. Hoje nada. Hoje que não é hoje. É o hoje do tempo em que o cavalo deixou de chegar à estação da minha terra. A linha foi ficando abandonada, dando lugar às ervas. A estação teias de aranha, vidros partidos (ai eu tão partido no meu coraçãozinho de poeta), tábuas queimadas, letras e azulejos abandonados. Estação morta, com pedintes tomando-a como casa, entregue aos fantasmas. A linha levantada (quantas linhas em mim por levantar, ocupado o tempo todo em coisas sem nexos que a escrita necessitava, chamando-me). Lembro-me de levantarem a linha da ponte de Curalha para Chaves, apagando-se o retorno dos filhos da terra que já não têm lenços que os aguardem (nestes tempos em que todos os tempos são um só para mim).

Eu não sei como, mas passei a gostar mais do cavalo, um cavalo fantasma de ferro, não com panos brancos por cima, mas cada vez mais negro. Numa linha inventada, passei a passear, de noite, junto à estação, pontapeando as pedras (os escritores passam a vida a pontape-

ar pedras), e a linha arrancada como os dentes nos dentistas, cárie aqui, desvitalização ali, um dente a menos, querem lá saber. Os carris inexistentes, uma folha de papel preta. Ninguém a acenar. Nem lenços. Nem vestidos brancos. Nem avós tristes chorando rezas de meninos. Nada. Estação fechada. Desactivada. Negra, como as bocas negras de Barca d'Alva tão pouco (cada vez menos) alva. Podre. Passo por ela e sem vida. O cavalo fechado num porão. O cavalo doente. Dizem. O cavalo pedindo-me, de noite, que o liberte. Com vida.

Lembro muitas vezes aquele verso do Assis Pacheco, como forma de procurar entender o cavalo fechado dentro de um porão: "Um comboio pode esconder outro". Talvez que a respiração do cavalo tenha parado. Talvez. Talvez haja dentro de cada coração um cavalo, não, dentro de cada coração outro coração, que impeça que paremos e nos fechem numa qualquer caixa, lacrada para sempre, evitando uma máquina que bombeie sangue de veias, veias como linhas com um fim.

(Digo que só uma bala de ferro pode parar aquele coração que teima em bater.) A estação é ainda um lugar abandonado. Para mim é ainda as árvores de Vidago nas tardes de relatos de futebol. (Só uma bala de ferro pode colocar um furinho naquele coração teimoso.) A fuligem. O vento. O fumo. O uivo que se ouve debaixo da ponte. A boca das lareiras apagou-se e lembra-me aquele coração. Às vezes acendo a lareira da casa. Às vezes pouso na estação as malas do meu avô, de certeza que precisa delas, de certo que regressou à sua terra pela mesma linha, dentro do cavalo de ferro, esse homem de ferro. (Eu, cá para mim, às vezes corro pela linha, junto à estação, começo a sentir o meu coração a aumentar, e uivo, e galgo, e resfolego, e começo a ser um cavalo de ferro, como se houvesse, afinal, um menino de ferro dentro de mim.)

Norberto do Vale Cardoso  
Fundão, 25 de Fevereiro de 2006



Locomotiva E161, Espaço Museológico de Chaves.  
© Dario Silva, 2005.

'O COMBOIO EM PORTUGAL' TEM O APOIO DE:

